

“SER PRETO, SER GAY, COMO ISSO PODE?” DEBATENDO MASCULINIDADES NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MICHELE PEREIRA DE SOUZA DA FONSECA

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil

LEANDRO TEOFILLO DE BRITO

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil

SAMARA OLIVEIRA SILVA

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil

FABILLE MARA ASSUMPTÃO MOREIRA

Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ), Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO: Este artigo tem como objetivo problematizar as reflexões suscitadas no evento de extensão 9º Ciclo de cinema e diversidade sobre o tema masculinidades e sua relação com aspectos interseccionais, que ocorreu a partir da exibição do documentário “Bicha Preta”. Dialogando a partir de um referencial amplo de inclusão, discute masculinidades e problematiza suas intersecções. Com uma abordagem qualitativa, discorreremos a análise a partir das reflexões e discussões potentes desencadeadas pelos debatedores e participantes, a partir do documentário em tela, utilizando a análise textual discursiva. Percebemos uma participação majoritária e proativa de homens no evento e no debate, discutindo sobre a experiência do homem preto homossexual em um contexto social permeado pelo racismo e pela homofobia. Houve ainda uma invasão à transmissão com intuito de interrompê-la, o que demonstra evidente preconceito, conservadorismo e urgência de visibilidade dessas discussões.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades; Inclusão; Interseccionalidade; Educação Física

INTRODUÇÃO

Como forma de resistir a tempos de ódio e insurgir contra exclusões e opressões históricas presentes na sociedade e refletidas na Educação e na Educação Física, propomos ações pedagógicas crítico-reflexivas aliando temas complexos e desafiadores para a form(ação) docente.

Uma dessas ações se materializa na realização do Ciclo de cinema e diversidade organizado pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão e Diferenças na Educação Física Escolar (LEPIDEFE), vinculado ao curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tal evento de extensão gratuito, realizado anualmente desde 2013, objetiva provocar debates entre os(as) participantes partindo de documentários, filmes e/ou curtas que abarcam questões envolvendo processos inclusivos/excludentes relacionados a marcadores sociais da diferença.

Desde a primeira edição, a dinâmica do evento se configura baseada em pressupostos Freireanos (Freire, 2013), cujo debate e participação dialógica e horizontalizada entre os (as) participantes é incentivado a partir da exibição do filme

escolhido de acordo com o tema do evento em cada ano, de modo a atender e fortalecer as diretrizes da extensão universitária: Interação dialógica; Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade; Indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão; Impacto na formação do estudante e Impacto na transformação social (FORPROEX, 2012).

De 2013 a 2019 o evento foi presencial, porém, com o advento de um dos tempos mais tenebrosos da nossa história, este precisou ser reconfigurado para o formato remoto. Fonseca, Moreira e Silva (2023, p.108-109) aludem o contexto em que se deu o evento durante a pandemia:

Com a pandemia do novo coronavírus, embora reticentes sobre o impacto que o evento (que historicamente sempre foi presencial) teria se realizado remotamente, decidimos coletivamente realizar em setembro de 2020 a 8ª edição do evento de maneira remota, abordando o tema feminismo, inclusive, em enfrentamento aos tempos atípicos e conservadores. Neste ciclo, foram suscitadas questões que nos fizeram problematizar modos de ser e estar no mundo, o que nos levou ao tema masculinidades na 9ª edição ocorrida em setembro de 2021, ainda de modo remoto. Para isso, promovemos dois encontros síncronos no Google Meet para espaço de discussões com debatedores e os/as participantes inscritos/as. Os documentários escolhidos foram *Silêncio dos homens* e *Bicha preta*.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo problematizar as reflexões suscitadas no evento de extensão 9º Ciclo de cinema e diversidade sobre o tema masculinidades e sua relação com aspectos interseccionais, que ocorreu a partir da exibição do documentário "*Bicha Preta*"¹. O documentário aborda narrativas de homens negros gays, problematizando a marginalização da negritude dissidente das normas sexuais e de gênero, bem como contribuindo para visibilizar relatos sobre a diversidade de demandas e experiências.

Para fundamentar o citado evento e este artigo, articulamos as contribuições de autores(as) que aproximamos para compreender o conceito de inclusão de modo amplo, processual, infundável e dialético (Sawaia, 2022; Booth; Ainscow, 2012; Santos; Fonseca; Melo, 2009), buscando problematizar e minimizar toda forma de exclusão envolvendo questões de gênero, sexualidade, racialidade, etnias, religiosidade, deficiência, aspectos geracionais e outros marcadores sociais da diferença que nos atravessam interseccionalmente.

Zamboni (2014) compreende marcadores como classificações permeadas de relações de poder em disputa e que identificam as pessoas em categorias sociais. Collins e Bilge (2021), com sua análise interseccional sobre a complexidade que envolve as experiências humanas, entendem que tais marcadores se interrelacionam e se afetam mutuamente. Portanto, inclusão é aqui entendida de modo amplo e interseccional, não de modo ingênuo e romantizado, mas como uma luta constante frente às situações de exclusão próprias dessa sociedade que desvaloriza e negligencia a pluralidade de formas de ser e estar no mundo (Fonseca, 2023).

A preocupação em se apoiar numa perspectiva teórica de inclusão ao pensar o campo da Educação Física se faz necessária devido ao contexto histórico brasileiro ter sido fortemente influenciado por interesses militaristas, eugenistas, higienistas e competitivos, com foco prioritário na aptidão física (Castellani Filho, 1991). Assim, a problematização de questões que se contrapõem a essa origem excludente encontram eco na (re)construção de uma Educação Física que esteja em consonância com as demandas sociais urgentes no que tange a valorização das diferenças e de práticas crítico-reflexivas. Assim, nos movemos a trazer o tema masculinidades para um evento de extensão do campo da Educação Física, ao encontro de debates que problematizam a desconstrução dos sentidos hegemônicos do masculino, tanto em circulação no âmbito acadêmico como na sociedade.

Os estudos sobre homens e masculinidades se disseminaram nas pesquisas sobre gênero nos anos de 1980, ainda ausentes de discussões teóricas, epistemológicas, políticas e éticas de modo amplo e consistente, fato que ocorreu apenas na década seguinte, quando se consolidou como um campo de estudos mais sistemático, conforme Medrado e Lyra (2008) destacam:

1. a organização social das masculinidades em suas “inscrições e reproduções” locais e globais; 2. a compreensão do modo como os homens entendem e expressam “identidades de gênero”; 3. as masculinidades como produtos de interações sociais dos homens com outros homens e com mulheres, ou seja, as masculinidades como expressões da dimensão relacional de gênero (que apontam expressões, desafios e desigualdades); 4. a dimensão institucional das masculinidades, ou seja, o modo como as masculinidades são construídas em (e por) relações e dispositivos institucionais (p. 810).

A teórica feminista Joan Scott é referência importante no debate sobre a inserção dos homens como categoria de análise nos estudos de gênero. Ao enfatizar que gênero não era, de forma simplista e restritiva, sinônimo de mulheres, Scott (2012) defendeu a interpretação do termo por uma perspectiva relacional: “A ideia mais radical de entendimento de gênero é sobre a concepção de várias definições de homem/mulher, masculino/feminino, na sua complexidade e instabilidade” (p. 337)

Nesse contexto, as discussões sobre as masculinidades se ampliaram nas pesquisas, seja por meio de referenciais teóricos e epistemológicos variados, seja pela focalização dos trabalhos acadêmicos em vivências e experiências múltiplas dos homens na sociedade. Desse modo, destacamos a categoria masculinidade afetada por outros marcadores da diferença, como raça e orientação sexual, isto é, por abordagens presentes nas narrativas do curta metragem “Bicha Preta”. Por isso, mobilizamos a abordagem interseccional, que segundo Bilge (2020), é uma teoria transdisciplinar que busca interpretar a complexidade das identidades por meio da integração de grandes eixos de diferenciação social como gênero, orientação sexual, raça, classe social, idade, entre outras, refutando o entendimento simplista de soma e/ou hierarquização entre os marcadores da diferença. Tal abordagem vai além do reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão, operando nas interações e nas contingências da produção e reprodução das desigualdades sociais.

Nas pesquisas sobre homens e masculinidades, Bilge (2009) destaca que a

perspectiva interseccional auxilia nas leituras e interpretações dos sentidos do masculino compreendendo as maneiras pelas quais a categoria masculinidade é produzida com e através de outros vetores de sistemas e relações sociais. Em suas palavras: "a interseccionalidade pode informar não apenas sobre processos de estigmatização e patologização de certas masculinidades, mas processos que invisibilizam masculinidades associadas a grupos dominantes" (p. 17).

Ao abordar gênero e raça como sistemas integrados de opressão, Crenshaw (2002) aponta que a interseccionalidade permite um entendimento mais profundo das formas específicas pelas quais discriminações também podem ser enfrentadas por homens negros:

As mulheres não são as únicas vítimas de tal subordinação interseccional. Estereótipos racializados de gênero também foram usados contra homens para racionalizar uma forma de violência de conotação sexual contra eles. Nos Estados Unidos, por exemplo, a propaganda racista freqüentemente precedeu e subseqüentemente racionalizou o linchamento de homens afro-americanos (p. 178).

Nesse contexto, hooks (2022) afirma que homens negros na cultura do patriarcado supremacista branco capitalista são temidos, não amados, muitas vezes vivem em uma prisão mental, incapazes de encontrar uma saída. Recorrentemente esses homens aprendem um papel que os restringe e os confina, sobretudo quando raça e classe entram em cena junto com o patriarcado, suportando as piores imposições da identidade patriarcal masculina de gênero.

Sendo assim, as questões aqui levantadas reforçam a importância de que temáticas como essas sejam problematizadas no âmbito escolar e na formação docente. Neste contexto, intencionamos com o Ciclo de cinema e diversidade construir coletivamente debates por meio da reflexão, da escuta atenta e do acolhimento, criando oportunidades para diálogos mais profundos e inclusivos sobre questões presentes no cotidiano social.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente estudo se configura como uma abordagem qualitativa, pois "trabalhar qualitativamente implica, necessariamente, por definição, em entender/ interpretar os sentidos e as significações que uma pessoa dá aos fenômenos em foco" (Turato, 2003, p.168). Em consonância com o que aponta o citado autor, apresentaremos como se deu o evento e as escolhas metodológicas que consubstanciam a análise a seguir.

O 9º ciclo de cinema e diversidade teve como intencionalidade tratar sobre o tema masculinidades e as temáticas transversais que surgiram atreladas a este. Nos eventos presenciais, os filmes eram exibidos seguidos de debates. No entanto, no formato remoto, devido a dificuldades com a plataforma, optamos por dois documentários disponíveis gratuitamente e em versão completa no YouTube, enviados previamente aos participantes. Assim, poderiam assistir com antecedência e nos dias

dos encontros síncronos seria realizada a discussão junto com os debatedores convidados. Os documentários escolhidos para a 9ª edição foram 'Silêncio dos homens' e 'Bicha Preta'. Neste recorte, apresentaremos as reflexões a partir do documentário Bicha Preta.

Figura 1- Cards de divulgação do evento



Fonte: as organizadoras.

No dia do evento exibimos o *trailer* do documentário, seguida da fala inicial dos debatedores convidados e posteriormente os (as) participantes levantaram questões e dúvidas, intencionando uma roda de debates dialógica e horizontalizada, com inspirações Freireanas, mesmo por meio virtual.

Desencadeadas pelo documentário, discorreremos a análise deste artigo a partir das reflexões e discussões potentes dos 2 professores debatedores e dos(as) 44 participantes que formaram uma grande roda de conversas durante o evento. Utilizamos a transcrição na íntegra do áudio gerado nas 2h15 de evento gravado para proceder a Análise Textual Discursiva (ATD). Moraes e Galiuzzi (2020, p. 11) a definem como uma metodologia de análise que possibilita trabalhar os textos e informações para produzir novas compreensões sobre os fenômenos que pretende investigar, aprofundando com uma análise rigorosa e criteriosa para, assim, "reconstruir conhecimentos existentes sobre o tema investigado".

A organização deste estudo se baseia no modelo de categorização. Com base na ATD, estas podem ser refinadas e reagrupadas para melhor refletir os significados presentes nos dados, de modo a serem definidas a *priori* ou *emergentes*. Neste estudo, as categorias foram criadas de maneira emergente a partir do texto da transcrição do evento, uma vez que, como Moraes (2003, p.198) explica: "são construções teóricas que o pesquisador elabora a partir das informações do *corpus*". Portanto, com essas concepções compreendemos que essa abordagem contribui para a discussão qualitativa dos dados, estimulando potentes reflexões que emergiram dos resultados encontrados.

A partir dessa análise baseada na ATD, emergiram quatro categorias de discussão, sendo elas: *O que a sociedade espera do homem negro; Desigualdades inerentes às masculinidades negras; O papel da escola; Mercado de trabalho*. Os excertos de falas serão utilizados na sessão a seguir como forma de evidenciar o debate e o

diálogo com autores(as) do campo. A identidade será preservada, nomeando-se por exemplo de P.1, em que P significa participante e 1 o número elencado na ordem de participação.

ANÁLISES, REFLEXÕES E DISCUSSÕES

Neste dia, participaram do evento 26 pessoas que se autodeclararam homens e 18 mulheres, majoritariamente docentes em formação e já formados em Educação Física. Chama-nos a atenção o fato de que nas edições anteriores deste evento, o público era majoritariamente feminino; acreditamos que o tema masculinidades tenha incentivado mais homens a participar dessa vez.

O documentário *Bicha Preta* visibiliza narrativas de homens negros e homossexuais afeminados. Segundo o autor do documentário, Thiago Rocha², homens negros e gays são extremamente estereotipados, o que os tornam uma parcela não pertencente a nenhum grupo de relevância social. "*Bicha Preta*" foi escolhido para o evento justamente por apresentar aspectos socioculturais marcantes, geradores de preconceitos e exclusão para um grupo subalternizado. Dessa forma, o curta possui como tema as vivências e resistências de homens negros dissidentes da ordem sexual e de gênero do Sul Fluminense do estado do Rio de Janeiro, cujo produto final foi a produção deste documentário.

O debate se iniciou com as falas dos convidados apresentando um panorama sobre a temática em questão, assinalando as múltiplas possibilidades de vivenciar as masculinidades, entendendo como um conjunto de discursos e práticas que marcam o pertencimento de homens a determinados grupos sociais, refletindo sobre os espaços que configuram a construção dessas masculinidades e o quanto estes espaços podem incentivar a imposição do modelo hegemônico.

Assim, entendemos que as masculinidades são constituídas pela linguagem, isto é, por processos discursivos reiterados forçosamente e que sedimentam seus sentidos por meio de normas regulatórias. No entanto, os sentidos dessa reiteração da linguagem também apontam para a insuficiência de materialização permanente das normas, que nunca cumprem completamente com o que é imposto (Brito, 2021).

Conforme destaca hooks (2022), sentidos em circulação sobre homens negros os atribuíram como animais, brutos, estupradores por natureza e assassinos, isto é, uma identidade que foi vitimada por estigmatizações desde a colonização, por meio de estereótipos negativos produzidos sobre as masculinidades negras e que continuam a se sobrepor às identidades que os homens negros pudessem criar para si próprios. Nesse sentido, o debate sobre masculinidades, com focalização nas vivências e experiências de homens negros na sociedade, ganha tamanha importância.

A dinâmica do ciclo se apresenta como um convite à reflexão, ao diálogo e à compreensão crítica sobre a realidade ao criar um espaço de acolhimento onde todos(as) os(as) participantes sintam-se à vontade para expor seus pontos de vista e atravessamentos, estimulando um debate construtivo, inclusivo e enriquecedor. Rossato e Scorsolini-Comin (2019) também compartilham dessa ideia e ratificam que o momento da roda de conversa potencializa as vozes e possibilita a troca de experiências facilitando

a inclusão dessas pessoas no debate, promovendo também a construção de laços interpessoais.

Assim, os (as) participantes foram incentivados (as) a apresentar suas indagações e reflexões referentes ao documentário e às exposições proferidas pelos palestrantes convidados. Porém, inicialmente houve um silêncio notável. Esse silêncio em um evento remoto se manifesta de maneira ainda mais evidente: percebia-se o desejo de falar, mas também a incerteza de como começar. Esse comportamento reflete a complexidade do tema masculinidades principalmente por ainda ser um tabu nas esferas sociais.

Sabe-se que o debate sobre masculinidades é recente na sociedade brasileira e ganhou força nos últimos anos com a disseminação da enunciação “masculinidade tóxica”, que incorporou a importância da desconstrução dessa forma maléfica de “ser homem” para sujeitos de variadas idades, raças, orientações sexuais, classes sociais entre inúmeras outras identificações que atravessam o masculino (Brito, 2021).

“Quebrado o gelo” inicial, percebemos que ao longo do evento as reflexões expostas pelos(as) participantes mantiveram conexões intrínsecas com as concepções apresentadas pelos palestrantes, conferindo identificação com o tema e com as experiências vividas e relatadas, o que evidenciou robustez ao diálogo promovendo uma fusão de perspectivas e saberes diversos acerca do tema em questão. A partir disso, as reflexões abordaram os discursos percebidos tendo em vista os estereótipos preconceituosos, os espaços geográficos que estão inseridos e os aspectos interseccionais a partir dos atravessamentos das masculinidades negras com orientação sexual e classe articulando essas demandas com a form(ação) docente.

Na categoria “*O que a sociedade espera do homem negro*”, fomos movidas pelas provocações diretamente ligadas ao cotidiano das pessoas participantes e mesmo que de forma involuntária, notamos as inquietações e deslocamentos. Destacamos algumas frases e expressões que foram/são ouvidas no cotidiano das pessoas, reproduzidas durante o debate e que encaminham importantes reflexões sobre a temática em questão:

Ser preto, ser gay, como isso pode? (P-1)

Um negão desses é viado? (P-2)

Ser for homossexual, que seja discreto (P-3)

Nas periferias a masculinidade do homem negro está marcada pela virilidade, o homem que apresenta um comportamento contrário não se encaixa no padrão esperado pela sociedade (P-8)

No imaginário social ser “bicha preta” se apresenta como lado negativo das identidades (P-11)

A sociedade espera de um homem negro a virilidade, a personificação de uma masculinidade heteronormativa (P-16)

As pessoas esperam que homens negros sejam machos e viris, esse corpo é marcado pela hipersexualização, com um discurso vazio de ‘este homem precisa ser o reprodutor’ (P-7)

Essas falas revelam que a sociedade espera virilidade do homem negro, ao mesmo tempo que repudia a homossexualidade. O corpo negro é objetificado sexualmente, mas rejeitado quando se desvia da norma heteronormativa. Tais discursos apontam para a análise da experiência do homem-negro-homossexual em um contexto social atravessado por racismo e homofobia, evidenciando a posição marginalizada que ele ocupa nessas construções socioculturais. Lamentavelmente, foi possível identificar

que tais declarações que ferem, continuam a ser proferidas de maneira irresponsável em variados contextos sociais, o que evidencia a persistência de preconceitos arraigados em uma sociedade moldada pelas influências hegemonicamente brancas, cisgêneras e cisheteronormativas.

Os relatos em questão nos instigam a pensar como determinados discursos que circulam em esferas sociais (como no âmbito familiar, educacional) são inventados e reproduzidos acriticamente. Ser negro, pobre, gay e periférico é posicionar e reposicionar esse sujeito a partir de diversas escalas e relações de poder, até mesmo diante de outros sujeitos sociais que convivem nesse mesmo ou em outros espaços. Frente ao que está posto, Silva Junior (2019) afirma que a masculinidade negra se encontra em um meio termo entre a marginalização e a exaltação, e se apresenta como uma identidade subalterna em meio aos aspectos excludentes. Nesse mesmo contexto, também dialogamos com hooks (2015, p. 678) ratificando que:

Mais do qualquer outro grupo de homens em nossa sociedade, os homens negros são muitas vezes concebidos como sujeitos desprovidos de habilidades intelectuais. Sob a visão estereotipada do racismo e do sexismo que os veem como mais corpo do que mente, homens negros estão propensos a serem recebidos pela sociedade da supremacia branca capitalista, imperialista e patriarcal, como sujeitos que parecem ser idiotas.

A reflexão sobre as masculinidades negras envolve uma análise crítica das construções históricas e sociais que delinearam o conceito de masculinidade, predominantemente a partir da legitimidade do homem cisgênero, heterossexual, branco e de classe média. Essas construções estão intrinsecamente ligadas às dinâmicas das relações de poder, que permeiam esses marcadores interseccionais. Reconhecemos que as provocações relativas a esse tema se inserem em um contexto historicamente atrelado ao homem negro, à ideia de uma virilidade intrínseca e, principalmente, à articulação entre heterossexualidade e hipersexualização.

Em sociedades ocidentais influenciadas por estruturas colonialistas e imperialistas, é comum vincular a objetificação à sexualidade, o que frequentemente leva a interpretações prejudiciais, em que um indivíduo passa a ver o outro como um mero objeto sexual (Rodrigues, 2020). A concepção apresentada pelo referido autor se relaciona diretamente com os questionamentos evidenciados neste trabalho, uma vez que nossa sociedade ainda carrega as marcas desse histórico excludente profundamente enraizado em nossa cultura.

Em consonância com essa ideia, Silva Junior (2019, p.05) aponta que "a reprodução desses discursos produz efeitos que se estendem nas relações escolares e mais amplamente em suas trajetórias de vida". Problematizar essas dores durante a formação docente é uma maneira de ressignificar trajetórias de opressão ao encontro de propor caminhos mais inclusivos. Especificamente enfocando a form(ação) para Educação Física escolar, ressaltamos a potência no trato de assuntos como esses, por meio de experiências, reflexões e práticas corporais em que as diferenças sejam reconhecidas e valorizadas. Essa reflexão se alinha à formação docente na e para

perspectiva inclusiva (Fonseca, 2021) cujo argumento reside no respeito, consideração e valorização das singularidades dos docentes *na* formação (constante), o que potencialmente contribui *para* lidar com as diferenças em suas ações pedagógicas com uma maior sensibilidade às singularidades dos(as) estudantes sob sua responsabilidade.

Denominamos a segunda categoria de "*Desigualdades inerentes às masculinidades negras*". Um caminho potente adotado pelos palestrantes foi provocar os(as) participantes a refletirem, a partir do documentário, os espaços geográficos no qual esses sujeitos estão inseridos. Pensar as periferias e as vulnerabilidades com base nos atravessamentos de gênero, sexualidade, classe e raça se faz importante pois a forma como um homem vivencia e expressa sua masculinidade é profundamente moldada pelas intersecções desses marcadores. Collins e Bilge (2021) ratificam que somos atravessados(as) por questões interseccionais, que é o retrato de uma rede complexa que nos constitui enquanto seres singulares, assim, um aspecto fundamental é compreendermos essa dinâmica de forma crítica para entender o contexto em que as pessoas estão inseridas.

Infelizmente a masculinidade negra ainda é percebida como subalterna, fruto de um processo de colonização excludente. (P-5)
Pensar o espaço geográfico onde essas pessoas estão inseridas é muito importante para conduzir uma reflexão sobre como as desigualdades se apresentam no cotidiano das pessoas negras. (P.4)

As dinâmicas sociais, históricas e culturais desempenham papéis fundamentais e as masculinidades envoltas nesses entrelaçamentos nos levam a refletir sobre privilégios e desvantagens. Homens negros frequentemente enfrentam estereótipos profundamente enraizados, que desafiam as expectativas sociais e culturais impostas a eles. Em contrapartida, homens brancos tendem a ocupar posições de privilégio e a usufruir de vantagens associadas à cor e à masculinidade hegemônica. Assim, Bibiano (2020, p.99) nos ajuda a refletir sobre esta questão:

O reforço do discurso de autenticidade negra, portanto, aponta para uma noção essencialista sobre a negritude e a homossexualidade, racializando a identidade homossexual masculina enquanto branca e, em oposição, posiciona o negro em uma pretensa condição ontologicamente heterossexual. Assim, esse discurso marginaliza e invisibiliza gays e lésbicas negros e os afasta de sua identidade racial e impossibilita a identidade formada a partir de sua sexualidade.

A construção da masculinidade branca está intrinsecamente ligada à posição usual de poder, transformando-se no paradigma a ser emulado, permeando o imaginário social com os benefícios atribuídos à masculinidade. Nesse contexto, a masculinidade branca confere superioridade ao homem branco, pois a representação de sua cor está associada a concepções positivas de inteligência, beleza, poder e *status*, reforçando assim as normas sociais (Silva Junior, 2019).

Os discursos e práticas que marcam o pertencimento de homens a determinados grupos sociais, também foi uma questão que emergiu a partir das falas dos palestrantes. Diante do que foi fomentado, esse pertencimento é marcado por um

conjunto de discursos e práticas que refletem as normas, valores e expectativas de suas comunidades. Estes discursos são como molduras que demarcam o que é considerado "aceitável" e adequado para a masculinidade dentro de um contexto específico. As práticas associadas a esses discursos podem incluir, comportamentos, modos de vestir e até mesmo formas de comunicação que reforçam a identidade masculina dentro do grupo.

Ao analisar esses fatores em conjunto, destacamos as complexidades das masculinidades, reconhecendo que as experiências e expectativas variam significativamente com base não apenas em um marcador social. Em se tratando dos reflexos na formação e atuação docente, este entendimento aprofundado se torna crucial para uma abordagem mais inclusiva e sensível às diferenças das masculinidades contemporâneas.

A terceira categoria intitulamos "*O papel da escola*", pois relatos relevantes se voltaram para essa preocupação. O ciclo de cinema tem como premissa problematizar questões contemporâneas que se manifestam na formação docente e no ambiente escolar. Logo emergiram alguns questionamentos que conduzem discussões e reflexões referentes à operacionalização dessa temática na prática docente:

Diante do que foi falado, qual seria o papel da escola neste cenário? (P-6)

Refletir sobre as trajetórias dos(as) nossos(as) alunos contribui para pensarmos aulas que desconstroem todos esses rótulos impostos pela sociedade. (P-15)

Temos a responsabilidade como professores e professoras de levar discussões desse tipo para o âmbito escolar, visto que as questões de gênero e sexualidade ainda são vistas como tabu no contexto escolar. (P-14)

A escola também precisa ser vista como um espaço onde essas masculinidades sejam debatidas, principalmente se pensarmos que essas identidades sobressaem no chão da escola, isso também é percebido nas aulas de Educação Física onde ainda há professores que dividem as aulas por gênero. (P-9)

A escola pode desempenhar um papel crucial na construção de uma sociedade mais justa e equitativa ao promover o diálogo inclusivo e interseccional. Fomentar discussões críticas sobre questões que atravessam o cotidiano dos(as) estudantes, estabelece uma leitura de mundo que considera as demandas contemporâneas, tanto no ambiente escolar quanto além dele. Assim, Candau (2011) destaca que, ao abordar essas questões, é essencial começar com uma apreciação positiva das diferenças, empregando estratégias que incluem aprofundar a reflexão sobre diferenças, desfazer estereótipos relacionados a identidades particulares, promover o desenvolvimento da autoestima, especialmente entre os(as) estudantes pertencentes a grupos historicamente marginalizados e alvo de discriminação, além de abordar com assertividade e acolhimento os conflitos que surgem no ambiente escolar.

Castro (2018) também defende que as escolas devem se engajar no debate sobre o tema da masculinidade. Para a autora, a educação em uma sociedade verdadeiramente democrática, comprometida com a diminuição das desigualdades, possui a enorme tarefa não só de desestabilizar os paradigmas de identidades femininas subalternizadas ideologicamente pelo machismo, mas também os modelos de masculinidades tóxicas, que são frutos do mesmo machismo: “precisamos falar sobre formas de combater modelos de masculinidades tóxicas, pois estas não são só prejudiciais às mulheres, elas prejudicam os próprios homens” (p. 77).

No que tange especificamente à educação infantil, um participante levantou um questionamento pertinente sobre como trabalhar essa temática, comentando, inclusive, sobre o receio de abordar o assunto com crianças em uma sociedade conservadora e ainda permeada de tabus. Reconhecemos o caráter emergencial em abordar as temáticas inerentes à gênero, sexualidade e raça. Apesar de serem crianças pequenas, este cenário se apresenta como um campo fértil para a problematização desses assuntos complexos à medida em que os questionamentos aparecem, sem rotular ou polemizar a questão, mas sim adequando os diálogos à faixa etária. Ao introduzir no cotidiano escolar de modo lúdico e participativo as temáticas que abordem o respeito, a valorização das diferenças bem como as diversas formas de ser e estar no mundo, contribuimos para uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Problematizando a educação de meninos pequenos, a pesquisa de Atta e Voltarelli (2024) aponta que, de maneira recorrente na educação infantil, meninos eram estimulados à construção de uma masculinidade que negava o cuidado, a sensibilidade e o afeto por meio de uma educação que moldava e disciplinava corpos masculinos à agitação e à rebeldia. Nesse sentido, as autoras colocam que: “quando houver o entendimento que emoções e sentimentos e o cuidar do outro são questões humanas e não de gênero, haverá, de fato, desenvolvimento integral e significativa mudança nas práticas sociais” (p. 228). Tais questões são imprescindíveis para discussões na temática das masculinidades na infância.

Apontamos para a necessidade de pautar uma práxis pedagógica inclusiva de modo a problematizar reflexos de uma sociedade preconceituosa e excludente na escola (Fonseca, 2023). Na Educação Física escolar, em todos os segmentos, a adoção da diversificação de conteúdos como uma estratégia pedagógica inclusiva (Fonseca; Silva; Santos, 2023) se mostra potente para problematizar questões que emergem no cotidiano escolar. Ao diversificar tudo o que é inerente aos conteúdos (como abordagens, metodologias e formas de avaliação, por exemplo), valorizamos construções coletivas, dialógicas e horizontalizadas *com* os(as) estudantes, e não apenas *para* eles(as), inspiradas nas ideias freireanas (Freire, 2013), contemplando suas experiências, saberes e singularidades, ao observar atentamente as questões de gênero, racialidade, classe social, religiosidade, deficiência e sexualidade que se apresentam de forma interseccional, de maneira respeitosa. Dessa forma, a escola pode se tornar um espaço de aprendizado com profundas reflexões críticas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

A última categoria, intitulada “*Mercado de trabalho*”, emergiu a partir das falas dos(as) participantes, que, por sua vez, foram desencadeadas pelos(as) personagens do documentário ao expressarem como percebem as representações daquilo que a sociedade, como um todo, não quer aceitar e muito menos reconhecer.

Diante do que foi exibido no documentário, como o mercado de trabalho se apresenta para essas pessoas? (P-04)

Em conversas com pessoas negras percebo que existe uma grande dificuldade no que diz respeito à ascensão profissional. Geralmente os homens negros gays encontram oportunidades em empregos que tratam especificamente do ambiente dito "feminino", como salões de beleza, loja de cosméticos, etc... (P-12)

Importante refletirmos sobre a idade e a expectativa de vida quando pensamos em homens pretos, gays e periféricos. Quando analisamos o campo do mercado de trabalho essas rejeições são ainda maiores, pois elas carregam muitas intersecções, tais como: aspectos geracionais, gênero, classe social, raça, entre outros. (P-13)

O mercado de trabalho para homens negros e gays continua a ser um campo de desafios significativos. Apesar de percebermos os avanços sociais, homens negros ainda enfrentam obstáculos relacionados ao racismo estrutural, que se traduzem em disparidades salariais, falta de representatividade em cargos de liderança e discriminação no processo de contratação. Quando analisamos este cenário a partir do recorte de gênero, a discriminação se agrava ainda mais, criando ambientes e situações excludentes. Os estudos de Souza, Honorato e Beiras (2021, p.136) potencializam um debate sobre homossexualidade e mercado de trabalho:

A literatura sugere que a discriminação no mercado de trabalho encontra-se interseccionada entre gênero (pela não performatividade da masculinidade tradicional) e orientação sexual para homens gays, mas para mulheres lésbicas, a discriminação nesse contexto se mostra na intersecção entre misoginia, discriminação racial e a discriminação homofóbica e de classe.

Os atravessamentos interseccionais inerentes a essas identidades podem resultar em desafios adicionais, pois enfrentam o racismo e a homofobia. Acreditamos que o caminho para viabilizar essas questões requer não apenas políticas e regulamentações antidiscriminatórias rigorosas, mas também uma mudança no trato e na disseminação dessa temática em espaços diversos.

Oliveira (2017) sinaliza que os estudos interseccionais que abordam racismo e homofobia ainda ecoam como novidade no país e isso pode estar relacionado a pouca representatividade que as "bichas pretas" possuem, tanto no movimento preto quanto movimento LGBTI+. No contexto social, o termo "bicha preta" é pejorativo, entretanto o documentário se apresenta como um convite à reflexão/desconstrução para pensar as inúmeras formas de ser e estar no mundo e vivenciar as múltiplas masculinidades. Kimmel (1998) sinaliza sobre a importância de discutir as variadas concepções de masculinidades, reconhecendo as diversas definições de hombridade que são estabelecidas. Ao adotar o termo no plural, podemos observar que o significado de masculinidades difere entre distintos grupos de homens e em diferentes contextos temporais.

Espaços acolhedores que se colocam como um convite à reflexão sobre temas

tão candentes que se interseccionam são fundamentais para desconstruir os preconceitos que vimos retratados aqui nas categorias elencadas. Destacamos a participação majoritária e proativa de homens no evento e no debate, o que não foi comum tomando como referência todas as outras edições do evento, desde a primeira em 2013. A divulgação da temática atraiu a participação de homens que se sentiram em local seguro para discutir e refletir sobre masculinidades, especialmente envolvendo as intersecções de gênero, raça e orientação sexual.

Para Butler (2019), a repetição linguística-discursiva das normas de gênero, que buscam enquadrar os sujeitos na coerência sexo, gênero e desejo, denuncia que as normas regulatórias buscam sedimentar as masculinidades em sentidos estáveis e inteligíveis na sociedade. Nas palavras da autora: “tais atribuições ou interpelações contribuem para o campo de discurso e poder que orquestra, delimita e sustenta aquilo que qualifica como ‘ser humano’” (p. 25). Esses discursos e práticas não apenas buscam definir as masculinidades, mas também estabelecer fronteiras sociais, determinando processos de inclusão/exclusão, que podem ser influenciados por fatores como cultura, religião, classe social e etnia. Compreender e analisar esse conjunto intrigante de discursos e práticas é fundamental para desafiar estereótipos, promover a inclusão e reconhecer as diferenças de experiências e identidades masculinas em diferentes contextos sociais.

Por fim, importa relatar que, neste evento, aconteceu uma “invasão” da sala na plataforma do *Google Meet*. Logo na abertura do evento, diversas pessoas desconhecidas adentraram a chamada e fizeram ações perturbadoras por meio de compartilhamento de tela com imagens eróticas de animais e humanos, pelo microfone com xingamentos e gritos e também pelo chat com postagem de códigos que travam reuniões na plataforma e palavras de baixo calão. Pareceu-nos uma ação orquestrada, pois eram muitas pessoas com diversas funções como as que citamos acima.

Nas reuniões de pré-produção do evento já tínhamos previsto que isso poderia acontecer e tínhamos uma organização definida para minimizar os danos dessa possível invasão. Assim, mesmo com a equipe de extensionistas atenta a essa possibilidade, durante a invasão foi difícil reverter inicialmente, pois eram muitas pessoas que mesmo quando retirávamos da sala virtual e bloqueávamos para que estas não entrassem mais, outras tantas conseguiram entrar e continuar os ataques.

Felizmente, depois de minutos dessa situação constrangedora, a equipe que estava trabalhando no evento conseguiu reverter este cenário e retomamos os debates exatamente de onde paramos, não sem antes deixarmos registrado que, pelo teor do tema, tínhamos nos preparado para isso, porém nada disso seria suficiente para nos interromper num movimento de resistência frente a todo esse conservadorismo, fruto dos tempos que temos vivido contemporaneamente. Especialmente àquela altura, em 2021, ainda vivíamos um governo federal absolutamente contrário a essas discussões e preocupações, o que acabou por incentivar pessoas coniventes com tal opressão a reagirem violentamente a toda forma de vida fora do padrão branco, cisgênero, heterossexual.

O tema masculinidade por si só já é um tema de enfrentamento a essa onda conservadora e opressora contemporânea e o documentário *Bicha Preta* apresenta

importante intersecção de outros marcadores sociais da diferença como gênero, orientação sexual e racialidade, temas que ainda incomodam e são alvo de preconceitos escancarados. Nós divulgamos o evento nas redes sociais do LEPIDEFE, que também foi compartilhado com muitas outras pessoas e instituições, o que garante a abrangência de público interessado. Enviamos o link de acesso à sala virtual somente aos inscritos no evento, o que significa que alguém se inscreveu com essa intenção de invadir para desestabilizar o evento.

Nesse sentido, importa também apresentar um ponto de reflexão do nosso grupo que, durante toda a pandemia organizou muitos eventos abertos *online* e que esta foi a primeira vez que tal invasão aconteceu. Nosso grupo sempre trabalha com temas envolvendo inclusão e diferenças, portanto percebemos que há temas em intersecção que incomodam mais que outros. Dessa forma, seguimos encorajadas a organizar eventos e ações pedagógicas que problematizam questões candentes na sociedade, mesmo correndo risco de invasões como esta, o que demonstra que continuaremos resistindo aos retrocessos e opressões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O evento de extensão 9º Ciclo de cinema e diversidade revelou-se uma iniciativa potente para problematizar as múltiplas masculinidades, contemplando reflexões sobre as diferentes formas de ser e estar no mundo. Ao abordar o tema por meio de marcadores sociais da diferença de forma interseccional — como raça, classe, gênero e orientação sexual —, o evento destacou a importância de compreender esses sujeitos em suas singularidades. Este artigo, portanto, buscou registrar e demarcar as reflexões suscitadas no evento visibilizando vozes que se sentem movidas a esse tema, seja pelos palestrantes convidados que se dedicam a estudar o tema academicamente, seja pelos(as) participantes que contribuíram com suas inquietações e experiências pessoais.

Percebemos uma participação majoritária e proativa de homens no evento e no debate, discutindo sobre a experiência do homem preto homossexual em um contexto social permeado pelo racismo e pela homofobia. Houve ainda uma invasão à transmissão com intuito de interrompê-la, o que demonstra evidente preconceito, conservadorismo e urgência de visibilidade dessas discussões.

Nesse sentido, o artigo buscou denunciar e problematizar as exclusões advindas pelas intersecções dessas categorias, mas sobretudo, intencionou potencializar as intersecções como valorização da complexidade que nos compõem como humanos e não somente como rótulos de opressões das mais variadas ordens. Tais reflexões são relevantes não apenas para a Educação Física escolar, mas para todo o campo da Educação. É imperativo que educadores (as) estejam atentos, sensíveis e em constante formação para abordar questões como essas, que atravessam o cotidiano e são frequentemente negligenciadas.

Embora a maioria dos (as) participantes fosse da área de Educação Física, o evento também contou com a presença de profissionais e estudantes de outras áreas, como Pedagogia, Serviço Social e História, evidenciando a riqueza proporcionada pelo compartilhamento de experiências diversas. Discutir masculinidades negras é relevante

FONSECA, M. P. de S. da; BRITO, L. F. de; SILVA, S. O. e MOREIRA, F. M. A.

não apenas para uma área específica ou para homens negros, mas também para homens e mulheres brancos, cisgêneros e heterossexuais, pessoas trans e não binárias, considerando que tais reflexões promovem atenção e cuidado para todas as formas de viver.

Notamos que aspectos geracionais, religiosidade e deficiência não foram marcadores citados nesse debate. Isso pode alertar sobre a necessidade de ampliarmos as discussões e visibilizarmos também esses marcadores ao considerar as relações interseccionais para além das que estiveram presentes nessa experiência do ciclo de cinema. Essa preocupação reforça o sentido de inclusão em que nos embasamos, que busca problematizar processos inclusivos/excludentes envolvendo diversos aspectos da interseccionalidade.

Além disso, reconhecemos o potencial de notabilizar abordagens como o ciclo de cinema na Educação Física, destacando a reflexão-ação-reflexão que perpassa diversas maneiras, seja pelos corpos em movimento ou em círculos de debates. Mesmo no formato remoto, em respeito à vida em tempos pandêmicos, percebemos a potência das ações de extensão que aproximam a universidade de outros setores da sociedade, se retroalimentando de reflexões e inquietações que nos movem a propostas e desafios futuros, sempre em prol de construir colaborativamente ações inclusivas, críticas e democráticas em respeito à vida humana justa e digna.

Artigo recebido em: 11/03/2024

Aprovado para publicação em: 10/10/2024

NOTAS

1- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D6RTSy2aS-4>.

2- Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/documentario-bicha-preta-do-jovem-thiago-rocha-sera-exibido-na-mostra-de-cinema-negro-de-sergipe/>.

“BEING BLACK, BEING GAY, HOW CAN THAT BE?” DEBATING MASCULINITIES IN PHYSICAL EDUCATION TEACHER TRAINING

ABSTRACT: This article aims to problematize the reflections raised at the 9th Cycle of Cinema and Diversity extension event on the theme of masculinities and its relationship with intersectional aspects, which took place after the screening of the documentary “Bicha Preta”. Dialoguing from broad theoretical references of inclusion, it discusses masculinities and problematizes their intersections. With a qualitative approach, we will analyse the reflections and powerful discussions triggered by the debaters and participants, based on the documentary on screen, using discursive textual analysis. We noticed a majority of men proactively participating in the event, discussing the experience of homosexual black men in a social context permeated by racism and homophobia. There was also an invasion of the broadcast with the intention of interrupting it,

which demonstrates obvious prejudice, conservatism and the urgent need for these discussions to be visible.

KEYWORDS: Masculinities; Inclusion; Intersectionality; Physical Education.

“SER NEGRO, SER GAY, ¿CÓMO PUEDE SER?” DEBATIENDO LAS MASCULINIDADES EN LA FORMACIÓN DEL PROFESORADO DE EDUCACIÓN FÍSICA

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo problematizar las reflexiones planteadas en el evento de extensión del 9º Ciclo de Cine y Diversidad sobre el tema de las masculinidades y su relación con los aspectos interseccionales, que tuvo lugar después de la proyección del documental «Bicha Preta». Dialogando a partir de amplias referencias teóricas de inclusión, discute las masculinidades y problematiza sus intersecciones. Con un enfoque cualitativo, analizaremos las reflexiones y potentes discusiones suscitadas por los debatientes y participantes, a partir del documental en pantalla, utilizando el análisis textual discursivo. Notamos una mayoría de hombres participando proactivamente en el evento, discutiendo la experiencia de hombres negros homosexuales en un contexto social permeado por el racismo y la homofobia. También hubo una invasión de la transmisión con la intención de interrumpirla, lo que demuestra prejuicios, conservadurismo y la necesidad urgente de que estas discusiones sean visibles.

PALABRAS CLAVE: Masculinidades; Inclusión; Interseccionalidad; Educación Física

REFERÊNCIAS

ATTA, D.; VOLTARELLI, M. Masculinidades como práticas sociais: um olhar para os meninos da educação infantil e suas ações “desviantes”. **Zero-a-Seis**, v. 26, n. 49, p. 210-233, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/93901>. Acesso em: 1 set. 2024.

BIBIANO, M. Masculinidades negras em disputa: Autenticidade racial e política de respeitabilidade na representação da homossexualidade negra masculina. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 13, p. 98-114, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/35671>. Acesso em: 1 set. 2024.

BILGE, S. Panoramas recentes do feminismo na interseccionalidade. **Escritas do Tempo**, Marabá, v. 2, n. 6, p. 238-256, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1525>. Acesso em: 1 set. 2024.

FONSECA, M. P. de S. da; BRITO, L. F. de; SILVA, S. O. e MOREIRA, F. M. A.

BILGE, S. Smuggling intersectionality into the study of masculinity: Some methodological challenges. In: **Feminist Research methods: an international conference**, University of Stockholm. 2009.

BOOTH, To.; AINSCOW, M. **Index Para a Inclusão: Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola**. LAPEADE, Rio de Janeiro, 2012.

BRITO, L. Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 29, p. e79307, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/cNwyVKFqHbkqkrb3kcbsvQc/?lang=pt>. Acesso em: 1 ago. 2024.

BUTLER, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: N-1. 2019.

CANDAU, V. (Org.). **Diferenças culturais e educação: construindo caminhos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

CASTRO, S. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. **Revista Aprender**. Vitória da Conquista, n. 20, p. 75-82, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/4552>. Acesso em: ago. 2024.

COLLINS, P.; BILGE, S.. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2024.

FONSECA, M. Formação docente em Educação Física na e para perspectiva inclusiva: reflexões sobre Brasil e Portugal. **Revista Aleph**, Nº Especial. p. 42-74, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/48348>. Acesso em: 1 jul. 2024.

FONSECA, M. Os preconceitos (re)produzidos pela/na escola e a Educação Física Escolar: um debate urgente! **Temas em Educação Física Escolar**, v. 8, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/4051>. Acesso em: 1 ago. 2024.

FONSECA, M.; SILVA, S.; SANTOS, M. L. (Org). **Possibilidades de diversificação de conteúdos na perspectiva inclusiva: relatos de experiência na Educação Física Escolar**. v.1. 1ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2023.

FONSECA, M.; MOREIRA, F.; SILVA, S. 'Não há masculinidade no singular, somente no plural': percepções iniciais a partir do ciclo de cinema e diversidade. **O social em**

questão (online), v. 1, p. 107-130, 2023. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/5522/552273594005/html/> . Acesso em: ago. 2024.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Coleção Extensão Universitária; v.7. Gráfica da UFRGS. Porto Alegre, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

hooks, bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. São Paulo: Elefante, 2022.

hooks, bell. Escolarizando homens negros. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 3, p. 677-689, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n3p677> . Acesso em: ago. 2024.

KIMMEL, M. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.

Horizontes antropológicos, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/?lang=pt..> Acesso em: 1 jul.2024.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v 16, n.03, p. 809-840, 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/7VrRmvB6SNMwQL5r6mXs8Sr/?lang=pt..> Acesso em:1 jul. 2024.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. **Análise textual discursiva**. Editora Unijuí, 2020.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação** (Bauru), v. 9, p. 191-211, 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHYkhL5pM5tXzdz/?format=pdf>. Acesso em: 1 jul. 2024.

OLIVEIRA, M. **O diabo em forma de gente:(r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Curitiba: Prismas, 2017.

RODRIGUES, W. Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano: Um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 13, n. 41, p. 267-284, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/cqt/article/view/9281>. Acesso em:1 jul. 2024.

ROSSATO, L.; SCORSOLINI-COMIN, F. Chega mais: o grupo reflexivo como espaço de acolhimento para ingressantes no ensino superior. **Revista da SPAGESP**, v. 20, n. 1, p. 1-8, 2019. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000100001 .Acesso em: 1 jul.2024.

FONSECA, M. P. de S. da; BRITO, L. F. de; SILVA, S. O. e MOREIRA, F. M. A.

SANTOS, M. FONSECA, M; MELO, S. **Inclusão em Educação: diferentes interfaces**. Curitiba: CRV, 2009.

SAWAIA, B. (org). **As artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2022.

SILVA JUNIOR, P. Narrativas de adolescentes negros: entre masculinidades, cotidiano escolar e vivências. **Cadernos de gênero e diversidade**, v. 5, n. 2, p. 172-191, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/cgd.v5i2.29259> . Acesso em: 1 ago.2024.

SCOTT, J. Os usos e abusos do gênero. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/15018> . Acesso em:1 ago. 2024.

SOUZA, D; HONORATO, E.; BEIRAS, A. Discriminação contra homossexuais no mercado de trabalho: Revisão da literatura. **PSI UNISC**, v. 5, p. 127-143, 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/15452> . Acesso em:1 ago. 2024.

TURATO, E. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico - qualitativa: construção teórico metodológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

ZAMBONI, M. Marcadores sociais da diferença. sociologia: grandes temas do conhecimento. **Sociologia**, v. 1, p. 13-18, 2014.

MICHELE PEREIRA DE SOUZA FONSECA - Doutora e Mestre em Educação (UFRJ). Licenciada em Educação Física (UFRJ). Professora da Escola de Educação Física e Desportos (UFRJ). Coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão e Diferenças na Educação Física escolar (LEPIDEFE).
Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0355-2524>
E-mail: michelefonseca@eefd.ufrj.br

LEANDRO TEOFILO DE BRITO - Doutor e Pós-doutor em Educação (UERJ). Mestrado em Educação (UFRJ); Licenciado em Educação Física (UFRJ). Professor da Escola de Educação Física e Desportos (UFRJ). Coordena o Grupo de Estudos sobre Masculinidades e Educação (GEMasc).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9123-5280>
E-mail: teofilo.leandro@eefd.ufrj.br

SAMARA OLIVEIRA SILVA - Mestre em Educação Física (PPGEF-UFRJ). Pós-graduada CESPEB/UFRJ ênfase Educação Física escolar. Licenciada em Educação Física (UFRJ). Integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão e Diferenças na Educação Física escolar (LEPIDEFE).
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6317-9015>
E-mail: samara.ufrj@gmail.com

FABILLE MARA ASSUMPCÃO MOREIRA - Mestre em Práticas de Educação Básica (MPPEB/CPII). Pós-graduada em Educação inclusiva (UNIABEU). Licenciada em Educação Física (UFRRJ). Professora SME-RJ. Integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão e Diferenças na Educação Física escolar (LEPIDEFE).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0362-5909>

E-mail: fabilleassumpcao@gmail.com

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).